

Além dos Silêncios: Relatos acerca das relações de trabalho no pós-abolição em Garopaba¹

Beyond the Silences: Reports about post-abolition labor relations in Garopaba.

Tiago Gonçalves²

Resumo: Este estudo utiliza as memórias de afrodescendentes como forma de compreensão das narrativas que abrangem relações de trabalho entre senhores brancos e descendentes de ex-escravizados no pós-abolição em Garopaba-SC, mais especificamente nas primeiras décadas do século XX, nos bairros Campo D'una e Encantada. O trabalho é desenvolvido metodologicamente a partir da história oral, nesse sentido busca-se investigar, por meio de relatos obtidos através de entrevistas semi-estruturadas, com o que esses indivíduos trabalhavam e de que maneira eram remunerados além de entender como compreendiam conceitos como: escravidão, liberdade e trabalho livre.

Palavras-chave: Pós-Abolição. Memória. Relações de Trabalho. Afrodescendentes. Garopaba.

Abstract: This study uses the memories of people of African descent as a way of understanding the narratives that cover work relationships between white masters and descendants of former slaves in the post-abolition period in Garopaba-SC, more specifically in the first decades of the 20th century, in the neighborhoods Campo D'una and Encantada. The work is methodologically developed from oral history, in this sense it seeks to investigate, through reports obtained through semi-structured interviews, what these individuals worked with and how they were remunerated in addition to understanding how they understood concepts such as: slavery, freedom and free labor.

Keywords: Post-Abolition. Memory. Work relationships. Afro-descendants. Garopaba.

Introdução

Os estudos que remontam o período do pós-abolição no Brasil passaram por significativas mudanças ao longo da história, a inauguração destes³ está calcada na obra de Gilberto Freyre *Casa Grande e Senzala*⁴, de 1933, que pensava o período a partir das relações harmoniosas entre senhores e ex-escravizados herdadas do caráter paternalista da escravidão brasileira.⁵ Essa chave de interpretação permaneceu inerte por um longo período do século XX.

¹ Artigo produzido sob orientação da Prof^a Dra. Beatriz Gallotti Mamigonian.

² Graduando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: tiagosalvez01@gmail.com

³ No sentido de começar a pensar a escravidão como problema e trazer contribuições sobre o pós-abolição como enfatiza Mattos e Rios (2005).

⁴ Considerado um marco no estudo da história e cultura brasileira, "Casa Grande & Senzala" utiliza uma abordagem antropológica e sociológica para analisar a formação da identidade nacional brasileira. Freyre argumenta que a miscigenação racial e cultural decorrente da escravidão criou uma sociedade única e complexa, influenciada pelas tradições africanas, indígenas e europeias.

⁵ MATTOS, RIOS. 2005, p. 20.

As publicações de Florestan Fernandes mudam a perspectiva dos estudos sobre escravidão no Brasil, ao analisar a herança deixada pela escravidão, ele pensa a desorganização das populações negras no país a partir de uma análise psicopatológica desses grupos que segundo ele possuíam inclinação para o crime, desregramento sexual e o alcoolismo. Apesar da evolução analítica, Fernandes em última medida corrobora a tese de que a as grupos descendentes de ex-escravizados mantêm as mesmas dinâmicas apesar do fenômeno que os atravessa, ou seja, “o pós-abolição se apresentaria como um quase não-fenômeno”⁶. Ao longo da segunda metade do século XX diversas teorias americanas como de Elkins, Tannenbaum e Gutman⁷ vão sendo empregadas e revistas a partir do contexto brasileiro, mas é válido ressaltar que a temática do pós-abolição em específico ganha corpo somente com o centenário da abolição em 1988, é a partir desse período que cientistas sociais e historiadores ultrapassam a interpretação de que a condição dos negros no período logo após 1888 está diretamente ligada a herança escravista.

A partir da década de 1990, Hebe Mattos e Ana Lugão Rios se destacam ao abordarem o período do pós-abolição partindo das experiências dos grupos afrodescendentes⁸ em relação à identidade, resistência, trabalho, sociabilidade e participação política. O trabalho das pesquisadoras busca sanar uma grande lacuna da nossa historiografia no que diz respeito às memórias dos ex-escravizados e seus descendentes diretos. O trabalho foi desenvolvido através dos registros orais colhidos desde a década de 1980 até os primeiros anos do século XXI a fim de compreender através de uma memória coletiva as experiências dos últimos anos de escravização e o processo de libertação. Seu trabalho associado ao laboratório de história oral da UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora) inaugura novas perspectivas para a análise do pós-abolição, além de ter como resultado o livro “Memórias do Cativo” de 2005 e um posterior documentário.

É tendo como referencial a obra de Rios e Mattos e o trabalho de Chalhoub sobre o fim da escravidão e o pós abolição⁹, que o presente trabalho se debruça sobre as narrativas que compõem as vivências negras na cidade de Garopaba, com foco especial nas comunidades do Campo D'una e Encantada onde os entrevistados residem. As discussões giram em torno das concepções que os grupos de afrodescendentes possuíam a respeito do período escravista da cidade e como entendiam as diferenças e similitudes nos períodos posteriores com a abolição

⁶ Ibid, p. 22.

⁷ *Slavery, a problem in American Institutional and Intellectual life* (1959), *Slave and Citizen* (1946) e *The Black Family in Slavery and Freedom* (1976), respectivamente.

⁸ As autoras através da história oral investigam as experiências dos descendentes de ex-escravizados que residem no Vale do Paraíba-RJ.

⁹ *Visões da Liberdade: Uma história das últimas décadas de escravidão na corte* (1990).

da escravidão já consolidada. Através de entrevistas busca-se mapear as relações inter-étnicas na cidade sob a perspectiva do trabalho a fim de estruturar uma análise a respeito de relações de servidão e paternalismo¹⁰ entre senhores brancos e descendentes de escravizados na cidade. Os entrevistados residem na comunidade quilombola da Aldeia no bairro Campo D'una e busca-se também por meio das narrativas apresentadas compreender os espaços de sociabilidade que os negros criaram ao longo do tempo, além de perceber como o espaço físico é fundamental para compreensão das relações de poder na região.

Como explicitado, o trabalho é desenvolvido a partir das narrativas presentes em entrevistas colhidas na cidade de Garopaba, portanto, a história oral é o procedimento metodológico utilizado para compreender as fontes. Para Verena Alberti “Ela (história oral) consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”¹¹, ou seja, os relatos e memórias apresentados nessas entrevistas são os principais meios de acessarmos e reconstituirmos o contexto aqui analisado. Porém, é necessário ressaltarmos que as memórias carregam consigo interferências do próprio tempo, questões morais e subjetivas, ou seja, nem sempre elas serão um retrato fiel do momento histórico analisado. Nesse sentido, o foco do trabalho não é chegar a conclusões sobre o período examinado e sim colocar luz sobre as lacunas deixadas pela história escrita, portanto, auxiliar na recuperação de uma história negligenciada.

A linha historiográfica que explora as relações entre memória e história rompe com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer claramente que o passado é construído segundo as necessidades do presente¹²

A discussão sobre memória também se baseia na abordagem de Walter Benjamin que a entende como um instrumento de resistência que possui um papel fundamental contra as forças opressivas da sociedade moderna, seu argumento localizado na era da reprodutibilidade técnica e da cultura de massas, entende que a memória individual é ameaçada pelo esquecimento e pela perda de segurança. A mídia de massa, como o cinema e a fotografia,

¹⁰ Conceito compreendido a partir da análise de Thompson na obra *"Patrícios e Plebeus"*, em que o autor desafia a noção de uma relação unilateral de poder entre empregadores e trabalhadores. Sua análise reflete sobre como os trabalhadores desenvolveram estratégias de resistência e contestação diante das práticas opressivas do capitalismo industrial.

¹¹ ALBERTI, 2005, p. 155.

¹² FERREIRA, 2002, p. 324.

Além dos Silêncios: Relatos acerca das relações de trabalho no pós-abolição em Garopaba – Tiago Gonçalves

contribuem para a diluição e banalização dessas experiências vividas.¹³ Portanto, a história oral auxilia na construção de identidade para um grupo e na sua transformação social.

Ao todo foram 5 entrevistas coletadas ao longo de dois meses, apenas 3 foram utilizadas no estudo para análise, além disso uma entrevista encontrada no estudo da professora Francine Adelino foi incorporada a este trabalho. Os trechos utilizados no estudo tem como foco a discussão sobre trabalho, patrimônio, identidade e liberdade. As entrevistas colhidas foram semiestruturadas, ou seja, apesar de um objetivo de pesquisa bem definido para essa busca, os entrevistados foram acompanhados ao longo de um dia em suas residências e partir de indagações iniciais que priorizavam relações familiares e de trabalho, foram recontando suas histórias e lembranças de forma mais livre. Como expõe Manzini, a entrevista semi-estruturada está focada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas¹⁴. Nesse sentido, as memórias compartilhadas nos permitiram acessar com mais clareza os meandros das transformações que a cidade e grupos antagônicos fizeram parte.

Vale ser ressaltado que a pesquisa busca compreender as narrativas subalternizadas da história de Garopaba, uma cidade do litoral catarinense que possui como traço característico uma herança cultural construída que remonta a tradição açoriana. Sua historiografia é permeada por silenciamentos notáveis, como destaca Mauricelia Albuquerque, a cidade toma para si uma identidade branca e europeia ligada aos remanescentes açorianos e com isso entende que sua construção se deu apenas através da força de trabalho de homens brancos, o que deve ser revisto e reclamado pelos estudiosos que se debruçam pela temática principalmente no sul catarinense.¹⁵ Esse presente trabalho busca acima de tudo valorizar a história dos afro-brasileiros e afrodescendentes na cidade de Garopaba bem como escapar dos silêncios impostos a essa história.

Garopaba - Uma história construída

É relevante ressaltarmos primeiramente que Garopaba localiza-se no litoral catarinense, 80 km ao sul da capital do estado Florianópolis e possui, segundo IBGE de 2010, 18 mil

¹³ VOLZ, 2019, p.133.

¹⁴ MANZINI, 1991, p. 154.

¹⁵ ALBUQUERQUE, 2013.

habitantes. Os primeiros grupos a habitarem esse território, como reforça o próprio IBGE, foram os indígenas Carijós (subgrupo Guarani) eles também deram o nome a essa área, denominada na época como Ygarapaba (Ygara = canoa + paba = enseada), ou seja, enseada de barcos, a nomenclatura está associada ao fato da localidade funcionar desde de 1525 como uma espécie de abrigo para embarcações que passavam pela região

Após a chegada dos colonos açorianos na enseada é flagrante que as fontes e as documentações optam por invisibilizar a presença indígena na região, há vagas passagens em registros oficiais que denotam contato entre os dois grupos, ou seja, há nesse sentido um apagamento da presença não-branca na construção da cidade já no seu período colonial. Um exemplo que explicita esse processo remonta a cultura pesqueira, segundo site oficial da prefeitura e o próprio Wikipédia, essa tradição foi influenciada e implementada pelos açorianos, nesse sentido, as narrativas oficiais tendem a anular os costumes indígenas - pautados principalmente na pesca - que já viviam na enseada e ainda apagar a presença negra que geria a economia pesqueira através de sua força dentro do contexto escravista.

Compreender Garopaba a partir de suas narrativas históricas é se aprofundar nas transformações pelas quais ela passou no século XX, visto que, de um pequeno vilarejo de pescadores a cidade se tornou conhecida por sua vocação para o turismo, essa mudança fica mais evidente a partir da década de 1980¹⁶. Esse movimento de descoberta turística transforma não só as relações comerciais e econômicas, mas também a paisagem, as dinâmicas sociais e ainda as influências culturais. Com o passar do tempo esse processo possibilitou a chegada de novos moradores que migraram principalmente das regiões metropolitanas do Rio Grande do Sul. Ou seja, nas últimas décadas a cidade teve um aumento populacional considerável, segundo dados em 1980 a população total era 8.238 habitantes e em 2022 o IBGE estima que a cidade ultrapasse os 24.000. Para além dos números um aspecto que também se alterou está relacionado a cultura, já que é notável na cidade a forte influência da tradição gaúcha, nesse sentido há este fator de assimilação cultural que em alguma medida dificulta a compreensão das memórias locais principalmente aquelas ligadas às comunidades negras da cidade. Portanto, Garopaba toma para si uma forma unilateral de compreensão dela mesma, sendo então esse passado entendido como branco, europeu e que visibiliza apenas as contribuições açorianas para sua construção.

¹⁶ ALBUQUERQUE, 2014, p. 3.

Quando observamos as fontes ligadas a história de Garopaba no século XIX, percebemos que elas analisam normalmente, contribuições ligadas a figura dos brancos descendentes de açorianos. A contribuição de José Artulino Besen¹⁷ para a construção do imaginário comum garopabense foi de extrema relevância, e sua obra lançou bases para os estudos que viriam a seguir. Porém, não podemos deixar de notar que ela reitera um mito da hegemonia da cultura açoriana em Garopaba que deve ser compreendido como um posicionamento do autor no momento da escrita e também discutido e desconstruído visto que “não foram somente os braços brancos que deram vida ao lugar: a pesca, a agricultura, o comércio e atualmente o turismo, aconteceram e acontece através da junção de forças de todo povo de Garopaba e não somente do grupo de ‘remanescentes açorianos’”.¹⁸

Quando analisamos a narrativa de Besen, no que diz respeito especificamente a participação dos negros livres e escravizados na construção da cidade, não conseguimos chegar a conclusões, visto que o próprio autor tende a minimizar esta participação. Em uma passagem, Besen diz “a presença escrava, negra, não deu tom significativo à história de Garopaba”¹⁹ Porém, contraditoriamente ele traz números significativos sobre essa presença que seria em torno de um terço de toda a população, portanto, se focarmos nesta história, que podemos compreender como “oficial”, chegaremos a ainda mais dúvidas sobre a participação desse grupo. Dados do relatório compilados por Pe. Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, que englobam Enseada de Brito e Garopaba e estão na obra de Besen, mostram que de 3.038 habitantes apenas 1.107 eram entendidos como cidadãos, desses, 730 eram homens e mulheres escravizados²⁰. Ou seja, apesar de habitarem esse lugar, não eram nem ao menos considerados em direitos em comparação aos demais, mesma realidade imposta em menor grau, às mulheres.

Por isso, se faz necessário articularmos uma bibliografia mais atualizada sobre a contribuição dos negros na cidade, o artigo de Mauricélia Teixeira de Albuquerque intitulado “A presença dos africanos e afrodescendentes em Garopaba e seus arredores” é um dos precursores no que se refere a contribuição dos afro-brasileiros em Garopaba. Através dessas novas abordagens conseguimos mapear também como foi o processo de transição do trabalho escravo para o “livre”. Percebemos através da bibliografia e entrevistas que a relação hierárquica entre brancos e negros continuou hostil. Apesar de formalmente livres, os ex-escravizados

¹⁷ José Artulino Besen é um teólogo catarinense que a pedido do então vigário da paróquia de Garopaba Padre Francisco de Assis Wloch em 1980 escreveu o livro inaugural sobre a história da cidade chamado “1830 - 1980 São Joaquim de Garopaba: Recordações da Freguesia”.

¹⁸ ALBUQUERQUE, 2014, p. 2.

¹⁹ BESEN, 1980, p. 56.

²⁰ BESEN, 1989, p. 56.

ainda se viam na condição de subordinados do seus antigos senhores, o que remonta uma relação paternalista típica do período escravista. Chalhoub irá caracterizar essa relação como uma estratégia de controle e dominação por parte dos senhores, que buscavam exercer um poder benevolente e paternal sobre seus escravizados. A dinâmica paternalista envolvia uma suposta preocupação com o bem-estar e a proteção dos escravizados, porém, na prática, mantinha uma estrutura de exploração e opressão.

Meu avô (Juca Pereira) teve escravo até 1940 ali na Encantada, pode ser que na lei eles não fossem mais né, mas ele que mandava nessas pessoas, ele era dono de todas as terras por ali sem ele não dava pra morar, não dava pra comer pois ele também era dono das vendas que tinham. Eles viviam melhor, tinham mais direitos mas não gozavam da liberdade sabe. Quando eles não moravam na na propriedade vinham lá da Aldeia para trabalhar.²¹

Em relação aos grupos subalternizados pela história da cidade os novos estudos relatam a importância da figura de Fortunato Machado, homem negro fundador da comunidade que atualmente conhecemos por Remanescente de Quilombo do Morro do Fortunato.

A figura que viveu entre o século XIX e XX é relatada como sendo uma das mais ricas da história de Garopaba, durante o período que viveu e comandou boa parte das plantações no Morro do Fortunato no bairro Macacu ele ficou conhecido como “rei do café”, pois, produzia anualmente toneladas do produto e os comercializava com os moradores na região central e também com outras localidades como Florianópolis²². Atualmente boa parte dos moradores da comunidade e do bairro descendem diretamente de Fortunato que foi o primeiro a desbravar estas terras no noroeste da cidade. É notável a falta de reconhecimento dado a essa figura na historiografia sobre a cidade, nenhuma das bibliografias assinala a importância de tal personagem, diferentemente das memórias de afrodescendentes que demarcam sua importância e reafirmam o caráter desbravador e vanguardista.

Meu bisavô Fortunato Justino Machado foi o patriarca da comunidade, uma figura muito importante, o primeiro morador desta comunidade, ele veio pra cá com 22 anos de idade e aqui era só mata virgem, quando ele chegou ele construiu uma casa de taipa, depois de um tempo ele casou com a Joana lá de imbituba e teve seus filhos [...] Fortunato tem uma história fantástica, por isso que eu conto sua história²³

Em relação a comunidade da Aldeia temos duas visões sobre sua história de fundação, uma pensada por seus próprios moradores e outra pelos moradores identificados como brancos. Para os moradores da comunidade a formação da mesma é pensada a partir da libertação dos

²¹ Darci Pereira da Silva, 73 anos, em entrevista concedida em maio de 2023 em Garopaba-SC.

²² ALBUQUERQUE, 2014, p. 11.

²³ Maurilio Machado em entrevista concedida em junho de 2023 na cidade de Garopaba-SC.

escravizados ainda no século XIX, ou seja, entendida como um espaço em que se vive a liberdade diferente da experiência na propriedade dos senhores brancos, uma espécie de refúgio. No trabalho de Hebe Mattos e Ana Lugão Rios podemos observar esta mesma dinâmica através dos relatos colhidos, em muitos momentos torna-se laboriosa a tarefa de resgatar uma memória coletiva em relação a escravidão pois percebe-se que nos grupos familiares é dado maior importância a identidade camponesa desses sujeitos e o quanto esta influencia a conquista de liberdade e cidadania.

[...] uma memória genealógica curta, associada ao trabalho familiar e à valorização da autonomia, configurando uma identidade camponesa [...] Desde a segunda metade do século XIX, mobilidade espacial e trabalho familiar autônomo combinaram-se de forma a permitir, mesmo que eventualmente, acesso à propriedade a amplas camadas da população²⁴

Contrariando essa análise, os moradores brancos do bairro levantam a tese de que a Aldeia já era um espaço ocupado pelos antigos escravizados, apesar de corroborar que ela ganha corpo após a libertação, além de entenderem as terras como lugares ilegítimos por terem sido invadidos.

Teve escravo aqui na época dos escravos; só que naquela época (fundação da Aldeia), já eram livres. Ficaram livres e começaram aquela comunidade. E não foi só ali, onde havia ‘terra devoluta’, porque não tinha escravo só aqui na Garopaba; onde não tinha dono, eles iam lá e apossavam-se de um pedaço. O pessoal chegava nas terras, tomava conta e ficava morando ali. Os primeiros moradores eram filhos de uma ex-escrava. Eram filhos de uma ‘preta’ que tinha sido escrava; acho que se chamava “Joana Homem”. Então, o Amaro Joana e o Antônio Joana, filhos dessa ‘Joana Homem’, criaram-se ali. A partir daí foi que vieram esses descendentes. E aqui nessa região vieram por causa da lagoa, porque a maioria desses escravos, descendentes de escravos, eram pescadores.²⁵

Vale ser ressaltado que oficialmente a comunidade da Aldeia refere-se a Maria Eva de Jesus e Antônio Joana Nascimento²⁶ como primeiros moradores daquela área, acredita-se que eles tenham nascido na primeira década do século XX e eram filhos de ex-escravizados que moravam na então Villa de Garopaba, a partir desses dados os sujeitos sejam moradores da comunidade, ou mesmo aqueles de fora entendidos aqui como brancos, fazem seus próprios usos. Enquanto os *de fora* analisam seu surgimento atrelado a história da escravidão outras

²⁴ MATTOS, RIOS, 2005, p. 38.

²⁵ ANTÔNIO, 2010. apud. CARVALHO, 2011, p. 43.

²⁶ Segundo as evidências apontadas pela árvore genealógica do grupo, percebemos que, dos sete filhos do casal Celecina Maria Eva e Antônio Joana - Celecina, Adelaide, Manoel Antônio, Dorinha, Basilícia, Pedro e Eraci - somente Celecina de Jesus Pereira, Manoel Antônio e Adelaide Maria de Jesus Nascimento constituíram descendência. Assim, a Comunidade Aldeia é formada principalmente pelas famílias geradas a partir destes três indivíduos, que constituem o tronco dos parentes legítimos.

Além dos Silêncios: Relatos acerca das relações de trabalho no pós-abolição em Garopaba – Tiago Gonçalves

questões são mais relevantes para a comunidade: a ancestralidade, a coletividade, a territorialidade e os traços culturais específicos, o que configura para eles, a importância de sua autonomia na construção da cidadania.

A memória expressa

No dia 13 de maio de 1888, entrou em vigor a Lei Áurea, nº 3353, que tinha como objetivo proibir a escravidão no Brasil e conceder a tão almejada "liberdade" aos indivíduos que eram escravizados. No entanto, a promulgação dessa lei emblemática não trouxe imediatamente as mudanças e garantias esperadas para os ex-escravizados.²⁷ Embora tenham sido libertados, eles se viram desamparados, sem orientação sobre seu novo lugar na sociedade. Com a liberdade, boa parte desses "recém-libertos" não possuíam sequer um pedaço de terra para construir pequenas casas, e, assim, recorriam à agricultura de subsistência como forma de sustentar suas famílias ou mesmo continuavam sob o jugo de seus antigos senhores.

Muito escravo ficou com o patrão, pois a Abolição de 13 de maio de 1888 não dava resposta a esta pergunta: — “O que vamos fazer sem o nosso feijão, pra nós cume?” Preferiram o pão na servidão, à fome na liberdade.²⁸

Essa transição para uma vida pós-escravidão revelou-se desafiadora e cheia de obstáculos, evidenciando a complexidade das condições enfrentadas pelos descendentes de escravos nesse período de transição histórica. É importante enfatizar que nem todas as experiências foram semelhantes visto que diversos grupos de escravizados viviam realidades ambíguas apesar da mesma condição, nesse sentido é importante entendermos esses grupos a partir de vivências heterogêneas com construções de memórias distintas.

as narrativas sobre a abolição elaboram muito mais do que as tradições familiares, agregando às diversas construções sobre o processo com que os narradores tomaram contato, das cerimônias cívicas às novelas e filmes sobre o tema exibidos na televisão”²⁹

Em Garopaba o período foi marcado por forte migração dentro da própria cidade, os trabalhadores escravizados após o processo de libertação buscaram locais que pudessem reconstruir suas vidas, a comunidade da Aldeia foi um desses espaços em que os negros da cidade podiam criar uma espécie de refúgio. Nesse momento, além de serem marginalizados

²⁷ CHALHOUB, 1990.

²⁸ BESEN, 1980, p. 57.

²⁹ MATTOS, LUGÃO, 2005, p. 107.

Além dos Silêncios: Relatos acerca das relações de trabalho no pós-abolição em Garopaba – Tiago Gonçalves

por sua condição de recém libertos e possuírem condição material inferior, os negros em Garopaba enfrentaram uma outra camada de exclusão, aqui chamada de territorial; os espaços ocupados por brancos e por negros na cidade passaram nesse período a ser um marcador de superioridade social.

Aqui a maioria do que vivia era preto, era só preto, muito tempo depois que veio chegar branco aqui, minha mãe e meu pai acho que foram os primeiro aqui, daí era mais família, branco mesmo tinha mais lá pra Garopaba (centro da cidade), ali na Encantada também, os preto foram vindo também né.³⁰

Um outro marcador que definia a relação hostil entre negros e brancos na cidade, era o trabalho, mesmo no pós-abolição eram os braços negros que geriam em grande medida a economia local, eles desempenhavam atividades no campo em plantações de arroz, milho, café e mandioca além de estarem ligados a atividades pesqueiras. Os cargos eram divididos a partir de uma hierarquia racial, já que eram os negros que faziam o trabalho mais pesados e com menor ou nenhuma remuneração.

Meu marido morreu cedo cedo, mas ele trabalhou muito, a gente morava aqui mas ele ia todo dia pra trabalhar pra plantar arroz e não recebia quase nada, as vezes nem recebia porque nós pegava comida com eles, às vezes trazia banana, fósforo, essas coisa, mas quando ganhava também era mixaria.³¹

Mesmo com o fim do período escravista a população de Garopaba continuou demarcando um espaço que dividia os sujeitos nos lugares comuns e o embasamento para tal divisão estava vinculado ao trabalho³². Havia diversos lugares onde negros não poderiam ir por conta de sua condição e acima de tudo por sua história, marcada pela subordinação de seus antepassados escravizados nesse sentido os espaços de lazer eram negados à população negra de Garopaba, os bailes por exemplo eram locais hostis a comunidade, um dos motivos para tal conflito pode ser conferida através de relato da década de 1940 que diz: “O preto já foi escravo do branco, por isso não pode tirar moça branca pra dançar”³³. Nesse sentido vai se desnudando o processo de segregação racial nos espaços naquele período, onde o negro só era admitido enquanto força de trabalho e seu lazer, comércio e prática religiosa deveria permanecer nos limites de cada comunidade.

Houve cercas no meio do Salão, como no Macacu (ao som da mesma orquestra — apenas separados pelo odioso preconceito — dançavam pretos e brancos. No Macacu

³⁰ Adelaide Maria Jesus Nascimento, 95 anos, em entrevista concedida em maio de 2023 na comunidade da Aldeia, Garopaba-SC.

³¹ Idem.

³² BESEN, 1980, p. 56.

³³ Relatório Paroquial de 1946.

e na Palhocinha o problema foi resolvido, devido ao trabalho enérgico do então Vigário Pe. Eugênio Kinceski, que a muito custo conseguiu arrancar as cordas divisórias. Em Campo D'Una, salão particular, perdura a separação.³⁴

Durante o processo de pesquisa e de entrevistas esses mesmos relatos foram também encontrados nas narrativas de moradores da Comunidade da Aldeia, as falas evidenciam as alternativas criadas para que os moradores pudessem vivenciar práticas de lazer.

A eu me lembro que no baile era tudo dividido ao meio, no salão assim né, lá no Macacú era assim, aqui também, era um tempo de muita bobiça³⁵, a gente brincava de um lado e eles do outro. Mas a gente também tinha festa que ia só nós, tinha aqui, era um jeito da gente brincar junto. Aqui a gente ia na igreja depois num baile, depois foi perdendo essa bobiça daí foi se juntando.³⁶

Apesar de uma presumida história açoriana e branca Garopaba foi construída enquanto cidade no século XX também por seus moradores negros que viviam na pele uma exclusão sistêmica. Essa persistente exclusão remonta o período escravista da cidade pouco difundido na história oficial mas que pode ser percebido através da memória como um período violento e hostil assim como no restante do Brasil em que o negro passava por um processo de coisificação como analisa Chalhoub “reduzido à condição de cousa, sujeito ao poder e domínio ou propriedade de algum outro, é havido por morto, privado de todos os direitos, e não tem representação alguma”.

Uma maneira de fugir desses espaços de violência foi criar um ambiente de resistência, onde negros se apoiam e compartilharam experiências ligadas à religião, lazer e cultura (dança e música), a comunidade da Aldeia apesar de não possuir uma irmandade ou clube estabelecido cumpria esse papel de possibilitar que os moradores se ajudassem mutuamente trocando experiências, prática comum entre afrodescendentes e afro-brasileiros em Santa Catarina.

Mesmo durante a escravidão, os africanos e os afro-brasileiros encontraram maneiras de se reunirem com seus pares e formarem, sejam sociedades de ajuda mútua e irmandades leigas católicas, que existiam desde o período colonial, sejam jornais dos “homens de cor”, grupos de capoeiras e espaços de religiosidade afro-diaspórica (terreiros de diferentes nações de candomblé), que remontam ao período do Império.³⁷

As memórias dos descendentes de escravizados revelam narrativas vívidas e profundamente enraizadas que remontam essas relações de irmandade na comunidade da Aldeia.

³⁴ BESEN, 1980, p. 57.

³⁵ Bobiça segundo a entrevistada é como ela chama a discriminação que os negros enfrentavam a época.

³⁶ Adelaide Maria Jesus Nascimento, 95 anos, em entrevista concedida em maio de 2023 na comunidade da Aldeia, Garopaba-SC.

³⁷ DOMINGUES, 2020. p. 23.

Nós vivia muito bem aqui, era quase tudo irmão ou gente muito chegada mesmo, branco mesmo quase não tinha, era mais entre a gente [...] Minha mãe era benzedeira, dai eu virei também, lá com uns 10 anos eu já benzia todo mundo daqui, rezava o responso, isso era uma coisa que já vinha das outras né, minha vó benzia também, as mulher ia tudo junto pra igreja, essa coisa a gente foi aprendendo junto.³⁸

Esses espaços de resistência e de ajuda mútua eram de extrema relevância visto que os moradores permaneciam em rotinas extenuantes de trabalho, muitas vezes não remuneradas como demonstram os relatos. Apesar dessa relação poder ser compreendida como uma prática que promove a manutenção da própria escravidão os moradores reforçam suas identidades e de seus familiares escravizados a partir da liberdade. Ou seja, apesar do regime servil a condição legal de liberdade lhes conferia um auto reconhecimento não visto antes, a partir de noções como: valor, notoriedade e prestígio.

Minha avó foi escrava, mas pelo que eu sei ela ficou um tempo na casa dos patrão mas nasceu livre né, quando já nascia livre da barriga assim, eu não sei bem, mas todo preto que eu conheci já era dono de si.³⁹

Na mesma medida os moradores brancos da cidade buscaram manter a subalternidade própria do período escravista para conseguirem se distanciar socialmente dos afrodescendentes recém-libertos, isso se deu pela garantia da dependência desses grupos. Ou seja, a troca de trabalho por alimentos e casa era uma forma de promover a manutenção dessa relação racialmente hierarquizada pautada na servidão e no sentimento paternalista que se mantinha.

A gente trabalhava tudo na casa de gente rica de Garopaba e Encantada, marido ficava sempre na parte da roça, no arroz né, eu limpava casa de todo mundo aqui, recebia às vezes só a comida, eles mesmo eram dono da venda daí já deixava tudo ali, mas eles eram pessoas muito boa assim, a gente agradecia por ter eles, eu benzia os filhos deles, tinham muito respeito⁴⁰

Percebe-se através do relato que há uma necessidade constante de manter uma relação de obediência e proteção entre esses sujeitos antagônicos, os senhores provém então as necessidades básicas da família como alimentação, vestimenta e em última medida para alguns grupos moradia, em troca de obediência, que implicava numa relação de controle desses sujeitos em relação a horas de serviço e quantidade de trabalho. As relações de trabalho percebidas através dos relatos em Garopaba nos ajudam a compreender como o pós abolição mantinha em certa medida as mesmas características do período escravista.

³⁸ Adelaide Maria Jesus Nascimento, 95 anos, em entrevista concedida em maio de 2023 na comunidade da Aldeia, Garopaba-SC.

³⁹ Idem

⁴⁰ Idem.

A sujeição, a subordinação e a desumanização, que davam inteligibilidade à experiência do cativo, foram requalificadas num contexto posterior ao término formal da escravidão, no qual relações de trabalho, de hierarquias e de poder abrigaram identidades sociais se não idênticas, similares àquelas que determinada historiografia qualificou como exclusivas ou características das relações senhor - escravo.⁴¹

As narrativas que permeiam esse período da história são múltiplas, cada uma carrega em si os fluxos e atravessamentos do próprio tempo, revisitá-las é a maneira que temos de alcançar o desconhecido. As memórias compartilhadas que formam esse trabalho fazem parte de uma série de diversas outras que recontam a história de um grupo silenciado em Garopaba, ouvi-las, compreendê-las e expandi-las é uma tarefa necessária e urgente, visto que corremos o risco de não conseguir registrar ainda em vida todos os seus relatos. Diante desse desafio, os educadores, museólogos e historiadores que pensam a história da cidade devem se comprometer com a preservação dessas memórias, honrando o legado daqueles que contribuíram para a história de Garopaba e reconstruindo a narrativa histórica com a sensibilidade e a justiça que ela merece.

É evidente que o trabalho aqui exposto não dá conta de encerrar todo o período tampouco consegue explicar de maneira completa as relações de trabalho entre os escravizados e os senhores brancos de Garopaba, mas ele nos ajuda a mapear os silenciamentos da história da cidade bem como problematizar o lugar comum sobre os negros no pós-abolição que, mesmo num espaço territorial pequeno como Garopaba, possuíam diferenças cruciais em seus modos de vida e de trabalho. Em Garopaba podem ser encontrados diversos relatos que remontam de maneiras diferentes o pós-abolição mas de forma geral todas elas refletem o local como arena de atrito entre brancos e negros e pensar sua construção histórica a partir dessa chave nos ajuda a compreender sua conjuntura atual baseada em silenciamentos e intolerâncias.

Fontes Documentais

Relatório paroquial de Garopaba, Santa Catarina, Brasil. Registros da Igreja Católica, 1947.

Fontes Orais

ANTONIO, Laudelino. Entrevista concedida a Francine Adelino Carvalho em 2010. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006c/00006c7a> Acesso em: 27 de abril de 2023.

MACHADO, Maurilio. Garopaba. 01 junho de 2023.

⁴¹ GOMES, CUNHA, 2007. p. 11.

Além dos Silêncios: Relatos acerca das relações de trabalho no pós-abolição em Garopaba – Tiago Gonçalves

NASCIMENTO, Adelaide Maria Jesus. Garopaba. 03 maio de 2023.

SILVA, Darci Pereira. Garopaba. Garopaba. 01 de maio de 2023.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ALBUQUERQUE, Mauricélia Teixeira de. A presença dos africanos e afrodescendentes em Garopaba e seus arredores. **Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente**, [s. l.], 14 out. 2014.

BESEN, José Artulino. **1830-1980 São Joaquim de Garopaba** (Recordações da Freguesia). Passo Fundo (RS): Gráfica e Editora BERTHIER, 1980.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Negros em Florianópolis: Relações sociais e econômicas**. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

CARVALHO, Francine Adelino. **Entre cores e memórias: escolarização da Comunidade Remanescente do Quilombo Aldeia de Garopaba/ SC (1963-1980)**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2011.

CHALHOUB, Sidney. **VISÕES DA LIBERDADE**, Uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da e GOMES, Flavio dos Santos (Orgs.). **Quase-cidadão: Histórias e antropologia da pós-emancipação no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora: FGV, 2007.

DOMINGUES, Petrônio. Negros no Brasil Meridional: associativismo no pós-Abolição. In: MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; TEIXEIRA, Luana. **Pós Abolição no Sul do Brasil: Associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Sagga, 2020. cap. 1, p. 22 - 37.

FERREIRA, Marieta Moraes. História, tempo presente e História Oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 314-332.

FERNANDES, Florestan. **Integração do Negro na Sociedade de Classe**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HARTUNG, Miriam Furtado. **Nascidos na fortuna - o grupo do Fortunato: identidade e relações interétnicas entre descendentes de africanos e europeus no litoral catarinense**. Florianópolis, 1992. 213f. Dissertação [Mestrado] – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas.

MANZINI, Eduardo. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MATTOS, Hebe Maria; RIOS, Ana Lugão. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. [S. l.]: Civilização Brasileira, 2005.

Além dos Silêncios: Relatos acerca das relações de trabalho no pós-abolição em Garopaba – Tiago Gonçalves

SANTA CATARINA. Arquivo eclesiástico da Arquidiocese de Florianópolis.

THOMPSON, Edward. **Patrícios e plebeus**. Costumes em comum. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

VOLZ, F. Walter Benjamin: memória e conhecimento do presente. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 150–168, 2019. DOI: 10.5902/2179378640395. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/40395>. Acesso em: 10 de maio de. 2023.